

fevereiro/2023

Revista *Verlidelas*

edição nº 32

entrevista:

Nanci
OTONI



CONTO:

A força da
superstição

poesia:

Celebrando a obra
de um velho poeta

fevereiro/2023

edição nº 32

Sumário

ENTREVISTA ... 03

Nanci Otoni

CONTO ... 12

A Sétima Filha

Marie Helene

RESENHA & POESIA ... 17

A Poesia de Cícero Christófar

Fabio Shiva

EXPEDIENTE:

Editor-chefe:

•Sergio Carmach

Editores assistentes:

•Luzia Barbosa

Foto (capa e miolo da entrevista):

•Fabiane Otoni

Revisão, diagramação e arte:

•Sergio Carmach

contato@verlidelas.com

www.verlidelas.com

www.facebook.com/verlidelas/

Verlidelas Editora

CNPJ 27.850.067/0001-71

Rio de Janeiro/RJ

EDITORIAL



Acreditar é uma força mental poderosa, para o bem e para o mal. A entrevistada deste mês, Nanci Otoni, usa a literatura para mostrar como *crenças* limitantes podem paralisar a vida de seus portadores; por outro lado, mostra que a *crença* no amor – mesmo este sendo um sentimento que gera os mais diversos desejos, como bem diz a sinopse de seu último livro, “Magnetismo”, a ser lançado oficialmente no dia 06 – é capaz de mover montanhas. Após a entrevista, temos um conto da escritora Marie Helene em que o *acreditar* traduz-se em fé cega e perseguição. Mais um lado sombrio do poderoso verbo. Como será que termina essa história? Por fim, Fabio Shiva nos empresta uma resenha na qual demonstra admirar e *acreditar* na arte de um velho amigo, cuja poesia traz versos impactantes. Confira! E a Verlidelas, por sua vez, segue *acreditando* em seus autores, na literatura, na livre expressão artística e em um futuro promissor.

Luzia Barbosa

Apoiam esta edição:



Conheça



Conheça



Conheça

Ela começou a escrever inspirada pelas histórias contadas por sua mãe. Graduada em Letras e Pedagogia, certificada em *Life Coaching*, Terapia Financeira, PNL e Hipnose Clínica, atuou como professora e orientadora educacional em escolas públicas por trinta anos e mantém um consultório de hipnoterapia, onde atende pessoas com crenças limitantes, dores e traumas emocionais. Com versos, crônicas e contos publicados em mais de trinta antologias e cadeira na Academia Nova-Limense de Letras, está lançando seu terceiro livro solo, "Magnetismo"

NANCI OTONI



Fale um pouco de você e sobre como se tornou escritora.

Nasci na cidade de Nova Lima em 1964. Meu pai, ao ser dispensado da Mineração Morro Velho, voltou com a família para a sua cidade natal: Santo Antônio do Norte, conhecida como Tapera. Na época, éramos seis irmãos; o sétimo ainda não havia nascido. Quando perdi meu pai – que foi vítima de um atropelamento no Rio de Janeiro, onde trabalhava – eu nem tinha completado três anos. Fiquei naquela cidadezinha de uma única rua, sem qualquer infraestrutura, sem luz elétrica, embalada pelo amor, pelas histórias e pelos sonhos de minha mãe. Como a escola local só oferecia aulas até a quarta série, minhas irmãs foram sendo mandadas para cidades vizinhas a fim de concluir os estudos. Aos sete anos, eu me mudei com a família para Congonhas do Norte. Mas, assim que fiz onze, meu irmão mais velho nos trouxe de volta para Nova Lima. Eu tinha aproximadamente quinze anos quando minha mãe apre-

sentou um quadro de esclerose precoce, perdendo a noção de muitas coisas. Fiquei sem meu porto seguro, a cuidado dos irmãos mais velhos.

Na adolescência, escrevia cartas, recadinhos do coração e desabafos pessoais. Algumas atividades da igreja, além de me fazerem viajar na leitura e na escrita, me permitiam fugir da dura realidade que me cercava na juventude. Já professora, comecei a escrever textos literários enquanto fazia o planejamento de minhas aulas: não achando textos curtos e questões que se adequassem ao conteúdo que eu deveria ministrar, eu os produzia. Nunca guardei nenhum deles, não achava que tinha habilidade como escritora e nem cogitava a ideia de vir a ser uma no futuro. Em 2014, arrisquei produzir um poema cujo tema era “a vida do negro e a sociedade” para participar de um concurso municipal. Fiquei em segundo lugar e ainda ganhei mil reais. Percebi que não escrevia tão mal assim. Devido a esse incentivo, comecei a participar de antologias, e minhas obras



comecei a escrever textos literários enquanto fazia o planejamento de minhas aulas: não achando textos curtos e questões que se adequassem ao conteúdo que eu deveria ministrar, eu os produzia.



sempre eram escolhidas. Num desses concursos, o poema “Vozes da Viola” ficou entre os vinte escolhidos. Eram mais de mil e quatrocentos poetas inscritos. Fiquei emocionada, empolgada, e decidi escrever um livro autobiográfico. A história de união familiar – ou seja, o legado deixado por minha mãe – não podia se perder.

Você é graduada em Letras e Pedagogia, além de ter certificação em Life Coaching, Terapia Financeira, PNL e Hipnose Clínica. Essa formação ampla impacta em sua escrita de alguma maneira?

Eu sempre gostei de ler, estudar e de aprender mais e mais. Depois de mergulhar em leituras sobre a natureza humana e espiritualidade – além de fazer cursos de autoajuda, aperfeiçoamento profissional e terapias diversas, convencionais ou não – comecei a me autoconhecer e a guiar minha vida de acordo com aquilo que achava correto. Ajudar pessoas a se encontrarem e a resolverem suas pendengas tornou-se





meu foco. Descobri que faço isso com gosto, sem me esgotar. Sinto que amo a humanidade – não apenas os bichos e a natureza – e que estou nesta vida para servi-la. Com a maturidade e o vasto conhecimento, passei a acreditar que as diversas experiências pelas quais passei quanto ao casamento, aos relacionamentos, à criação de filhos e à aceitação deles, dos seus amigos e dos meus alunos – que sempre foram caixinhas de surpresas – serviram para me amadurecer na marra e me tornar resiliente. Posso dizer, com propriedade, que a bagagem de conhecimento adquirida ao longo da vida com leituras, reflexões, viagens astrais, cursos e atendimentos a pacientes me permitiu criar histórias e poemas bem mais instigantes, diversificados; há um fundo de verdade neles.

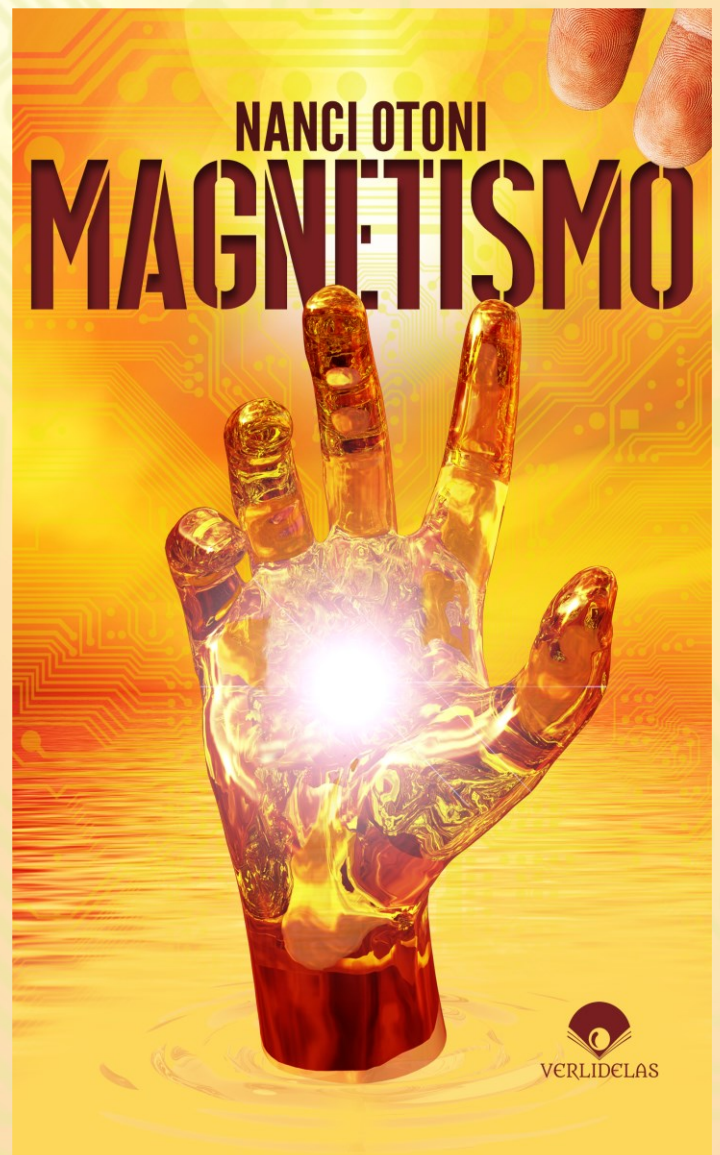
Você atuou como professora e orientadora educacional em escolas públicas por trinta anos e mantém um consultório de hipnoterapia, atendendo pessoas com crenças limitantes, dores e traumas emocionais. O recém-lançado “Magnetismo” tem alguma ligação com essa vivência?

Arrisco-me a dizer que o livro “Magnetismo” é um compilado de experiências terrenas – sensoriais e extrassensoriais – que vivi, presenciei ou ajudei a ressignificar. O projeto aborda questões da natureza humana, dentro de uma esfera espiritualizada, que podem ser modificadas pela presença de um amor

maior – emocional e impossível de ser explicado só pela razão.

Além de “Magnetismo”, você escreveu outros livros solo e participou de dezenas de antologias. Como você avalia essa experiência com a escrita?

A construção de cada um dos meus três livros foi uma experiência única. Ou eu me sentia uma *expert* no assunto, ou – devido a barreiras impostas por certa falta de autoconhecimento e amadurecimento – desmotivada, com vontade de desistir e jogar o projeto fora... A participação em antologias foi o empurrão que faltava para eu iniciar a carreira de escritora. O lançamento de um livro solo é a concretização de um trabalho proposto; é uma conquista do esforço, da garra, do talento.





A construção de cada um dos meus três livros foi uma experiência única.



Fazer parte da Academia Nova-Limense de Letras contribui de alguma forma com sua carreira literária?

O fato de ter o livro “Os Fios da Vida” publicado na cidade, com uma aceitação positiva, deu-me o direito de concorrer a uma vaga na Academia Nova-Limense de Letras. Abracei a causa com entusiasmo e participei de quase todas as atividades propostas, mesmo durante o período da pandemia. Já na academia, fui convidada a tomar parte em vários eventos da cidade e das escolas municipais, o que culminou com a produção do meu segundo livro, “Vozes da Literatura Cantada”.



Seria uma honra e uma emoção muito grandes saber que alguém transformou um texto ou livro meu em peça de teatro, filme, novela ou algo do gênero.

Conte-nos sobre o sonho de ver uma de suas obras encenadas.

Um dos meus passatempos preferidos é assistir a apresentações teatrais. Sinto como se fizesse parte das cenas. Alguns artistas de minha cidade tiveram o talento despertado quando os incentivei a participar das peças apresentadas no colégio, época em que eu era professora ou orientadora vocacional. Eu transformava narrativas em textos dramáticos, que eram encenados durante alguns eventos escolares. Seria uma honra e uma emoção muito grandes saber que alguém transformou um texto ou livro meu em peça de teatro, filme, novela ou algo do gênero.



**sempre é possível
tirar proveito
de uma leitura.**



Posso dizer, sem sombra de dúvida, que o cenário cultural brasileiro é bem vasto e diversificado. Neste terceiro ano em que participo da Academia de Letras, descobri que, só em Nova Lima, somos mais de quarenta escritores na ativa. Além disso, diversos artistas nova-limenses, motivados por secretarias municipais, mostram seu talento em festivais de teatro, dança, artesanato, gastronomia e música.

Tem projetos em andamento?

Minha cabeça vive fervilhando e inventando altos projetos literários. Tenho mais de duzentos poemas escritos, incluindo um livro de poesia sobre a Semana de Arte Moderna, além de uma história de amor adolescente. Ainda não sei o que fazer com esse material. Também estou me dedicando a uma série policial, sendo que a primeira temporada, com doze episódios, já está nos finais.

Mencione alguns livros e autores que admira.

Eu finalizo até as obras que não me cativam tanto, pois acho que sempre é possível tirar proveito de uma leitura. Fazer indicações é complicado para quem devora tantos livros, mas vou citar alguns autores que, de certa forma, influenciaram minha escrita: José de Alencar, Machado de Assis, Fernando Sabino, Rubem Alves, Carlos Drummond de Andrade, Mário Quintana, Mário Cortella e Augusto Cury. Um romance atual que gostei bastante se chama “As Fúrias Invisíveis do Coração”, de John Boyne.

Cada ensinamento assimilado em uma leitura me leva a refletir se estou equivocada ou certa em relação ao que desejo viver e ao que quero construir para o meu bem e dos outros. No momento, estou lendo três livros: “A Arte de Ser Imperfeito”, de Brené Brown (quero aprender a dar a cara a tapa), “Você Pode Curar Sua Vida”, de Louise L. Hay (quero desenvolver a espiritualidade e tratar a coluna sem sofrer muito no RPG), e “Casca Grossa”, de Chico Montenegro (necessito focar em metas para 2023).

Você gostaria de deixar uma mensagem final?

Eu gostaria que as pessoas – mesmo aquelas que levam uma vida comum, sem grandes aventuras e expectativas de um futuro promissor – vivessem na certeza de que cada dia é sempre o último; que, ao acordar, dessem uma respirada forte, sentissem o coração pulsar e notassem a claridade do dia. Com quase sessenta anos, é isso o que faço há várias décadas... E, sempre dentro dessa filosofia, ainda pretendo viver bastante. ■



ARTE: WILL SANTOS



<https://www.youtube.com/PodLetras>

LIVES TODAS AS TERÇAS E QUINTAS
ÀS 20H NO YOUTUBE E NA TWITCH

Podletras

O PodLetras – canal formado pelos escritores César Costa, Marlos Quintanilha e Will Santos – é feito para pessoas que curtem arte, especialmente literatura. Cada programa apresenta um bate-papo descontraído com um convidado interessante, oferecendo uma experiência enriquecedora para o espectador.



Conto

A SÉTIMA FILHA

MARIE HELENE

Nascida em 1964 na cidade de Óleo/SP, Marlene Aguiar Rubio é graduada em Letras pelo IESA (Instituto de Ensino Superior Santo André) e pós-graduada em Neuropsicopedagogia Clínica e Educação Especial Inclusiva pela Censupeg/IESC e em Neurociência Clínica e Educacional pelo Instituto REM/Limbios. Atuou como professora em escolas estaduais e particulares de São Paulo e foi integrante do Núcleo de Escritores do Grande ABC. O conto a seguir é fruto de uma das participações da autora em antologias da Verlidelas

A LUA CLAREAVA A NOITE quando Samanta começou a sentir as dores do parto. Arthur, o marido, chamou Agnes, a única parteira que atendia as mulheres de uma cidade do interior. Quando o relógio da matriz deu sete badaladas, nasceu a menina, branca e iluminada como a lua cheia. Em homenagem a este astro, os pais deram-lhe o nome de Luana. A parteira, que acreditava em crendices, fez um alerta a Samanta:

– Segundo a lenda, a sétima filha de toda mulher se torna uma bruxa ao crescer. É preciso colocar uma cruz de seis pontas, o sinal do rei Salomão, na porta do quarto da criança para protegê-la da maldição. Posso fazer isso para você...

Samanta olhou para a doula e falou:

– Não é necessário. Essa história é uma crença construída por um povo que desejava dominar a Terra e manipular as pessoas.

Insatisfeita, Agnes insistiu:

– Das cento e cinquenta mulheres acusadas de bruxaria em Salem no ano de 1692, dezenove foram enforcadas. Curiosamente, todas eram sétimas filhas. Não custa nada fazer a simpatia...

Samanta era protestante e achava isso uma tolice.

– Deus protegerá a minha filha.

Agnes se considerava uma seguidora virtuosa do cristianismo. Mas, na verdade, era fanática e intolerante, uma mulher com pensamento arcaico e que acreditava em dogmas ultrapassados. Não contente com a resposta de Samanta, retrucou:

– Se não fizermos o ritual, sua filha se transformará em borboleta ao completar sete anos, entrará pelas fechaduras das casas e chupará o umbigo dos bebês recém-nascidos, que serão acometidos pelo “mal dos sete dias” e morrerão. Como você não quer fazer a simpatia da estrela, podemos recorrer a outra, a das palmas bentas colhidas na missa do Domingo de Ramos. Basta colocá-las em forma de cruz.

Samanta acabara de dar à luz, tudo o que desejava era descansar. Mesmo assim, respondeu educadamente:



– Ora, Agnes. O mal dos sete dias tem a ver com falta de higiene. Não se pode usar tesouras enferrujadas para separar o bebê de sua mãe nem colocar pó de tabaco contaminado na criança. Agnes, pertencemos a religiões diferentes. Respeito as suas crenças e peço que respeite as minhas, por favor. Agora vá e me deixe em paz.

Agnes saiu murmurando e fazendo o sinal da cruz.

O tempo passou e Luana se transformou em uma linda moça. Pequenininha, parecia um bibelô; pele alva, cabelos negros e olhos cor de mel, uma doçura de menina. Seguiu a mesma religião da mãe e acabou se tornando pastora. Os membros de sua igreja diziam que ela tinha o dom da profecia. Além do mais, Luana era naturalista, gostava de cultivar ervas no quintal de sua casa e as usava para ajudar na cura de doentes carentes.

No entanto, sua bondade não deixava Agnes feliz. E ela nunca se conformara com o fato de Samanta não ter lhe permitido realizar as simpatias nas quais acreditava fervorosamente. Disposta a se vingar, reuniu algumas conhecidas e começou a espalhar boatos sobre Luana, a promover um discurso de ódio.

– Amigas, aquela jovem é uma feiticeira! Ela nasceu no dia sete do mês sete, é a sétima filha de Samanta e, na hora do parto, o sino da igreja tocou sete vezes. Vocês hão de concordar que isso evidencia um augúrio. Naquele momento nascia uma bruxa, e precisamos dar um jeito nisso.

Na ausência do sacerdote, que só comparecia à cidade duas vezes ao ano, era ela, a carola dominante, que ministrava as missas. Agnes também exercia uma influência poderosa na vila. Dessa forma, as fofocas contra Luana não demoraram a se espalhar. Alguns diziam que ela estava envolvida com magia negra, outros falavam que usava ervas para

envenenar criancinhas... A difamação provocou consequências devastadoras para a família. Não conseguiam mais sair à rua, e a casa era constantemente apedrejada. Uma tragédia estava prestes a acontecer.

– Queimem a bruxa! Queimem a bruxa! – uma multidão gritava.

– Esperem! – interviu Agnes. – Vamos fazer o teste do peso.

– Que teste é esse? – alguém perguntou.

– Um dos métodos usados pelos inquisidores para identificar bruxas nos julgamentos do Santo Ofício comparava o peso das acusadas com o de uma bíblia gigante. As que fossem mais leves eram consideradas culpadas. Está decidido. A falsa profeta passará por esse teste.

Enfurecida, a multidão arrebentou a porta da casa de Luana, amarrou a família e arrastou a jovem pastora até o rio que cortava a vila. Agnes estava no comando da situação e era aplaudida por um bando de fanáticos adestrados por ela. A moça, de feições delicadas, era magra e de baixa estatura. Sem ter ninguém em sua defesa, restava-lhe confiar na misericórdia divina. Assim, começou a orar, rogando a Deus por justiça. No entanto, quanto mais rezava, mais Agnes se enfurecia.

– Hoje você vai morrer, sua bruxa! Pesem-na! – ordenou. – Se for mais leve que a escritura sagrada, é uma feiticeira.

Luana foi colocada em uma balança trazida pelo povo. Infelizmente, pesava menos que a bíblia.

– É uma bruxa! – as pessoas bradaram.

– Vamos à contraprova. Joguem-na no rio. Se boiar, será a evidência derradeira de que é mesmo uma feiticeira. Dessa forma, poderemos sacrificá-la sem remorso!

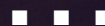
Como Luana era muito magrinha, após ser arremessada ao rio, boiou! A megera da parteira entrou na água, puxou a moça pelos longos cabelos e, gargalhando, exclamou:

– Agora, sim, podemos queimá-la! Acendam a fogueira!

Ali, selou-se o destino da pastora. Luana foi lançada à fogueira. Enquanto as chamas cobriam seu corpo, não gritou. Parecia não sentir dor. Para o povo que acreditava na existência de feiticeiras, tal fato comprovava que se tratava mesmo de uma.



MARIE HELENE



LANÇAMENTO DO LIVRO

MAGNETISMO

06.FEV
19 HORAS

LAN
ÇA
MEN
TO



NANCI OTONI

@nanciotoni 

(31) 99443-1689 



ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E EMPRESARIAL / ACE
PRAÇA BERNARDINO DE LIMA, 43, 3º ANDAR - NOVA LIMA



A poesia de Cícero Christófaro

resenha
POR FABIO SHIVA



2ª edição

TIROS DE ARCABUZ

CÍCERO CHRISTÓFARO

Arquiteto, paisagista e escritor, Cícero Christófaro contribuiu de diversas formas em produções da Verlidelas. Além de ter participado como poeta dos dois volumes da “Cura Poética”, assinou a quarta capa do infantil “O Sítio da Vovó Gena”, escrito por Jussara Fátima Liberal e ilustrado por Liliane Romanelli, e prefaciou o romance “Uma Cadeira de Balanço ao Pôr do Sol”, de Neuza de Brito Carneiro. Em homenagem a Cícero, o escritor e músico Fabio Shiva resenhou o último de seus três livros solo, a obra poética “Tiros de Arcabuz”. A seguir, o leitor pode apreciar o belo texto de Fabio e a inspirada poesia de Cícero



FABIO SHIVA

Músico, escritor e produtor cultural. Autor dos livros “O Sincronicídio”, “Favela Gótica”, “Diário de um Imago” e “Meditação para Crianças”, dentre outros. Coautor e roteirista de “ANUNNAKI – Mensageiros do Vento”



PASSEI DIAS NA FELIZ COMPANHIA da Poesia de Cícero Christófar, apreciando sem pressa cada poema, por vezes rindo de uma traquinagem do poeta, por vezes balançando a cabeça em concordância diante da sabedoria de um verso, frequentemente me emocionando com o encanto e a beleza que fui encontrando. E ao longo da leitura fui me dando conta dessa rica multiplicidade das *personas* poéticas de Cícero, que por um capricho eu quis enquadrar em apenas três (mesmo percebendo que podem ser bem mais):

O menino Cicinho

Jocoso, matreiro e brincalhão, um menino de cabeça branca que brinca de fazer poesia como brincaria de empinar pipa ou jogar bola, autor de versos como:

*nasci
vivi
morri
nem por isso me dei mal*

Cícero, o homem

O poeta viril, que nos fala de seus amores, desejos e desencantos:

<i>Maria diz que não amo seus joelhos</i>	<i>às vezes me repreendem criticam meus abraços</i>
<i>Luiza que não seus cabelos</i>	<i>reclamam dos meus beijos falam que meus desejos</i>
<i>Sara que me esqueço das suas sobrancelhas</i>	<i>jamais as satisfizeram</i>
<i>Rute reclama de minhas olhadas às esquelhas</i>	<i>resolvi escutar calado cá pelo meu lado</i>
<i>para seus mamilos são lindos</i>	<i>decidi amar a todas cada uma</i>
<i>não fui eu quem os fez</i>	<i>onde e quando quiser</i>
<i>Mariana por sua vez reclama que não olho seus pés</i>	<i>calado vou amando aguçando a memória pra saber quem, como, quando</i>

O velho Christófaro

É o poeta sábio, vivido e hábil, que resume em poucos versos reflexões profundas:

*em meio a meio à mentira
sonho e luto
sou espaço
entre a semente e o fruto*

E desde que notei essa tríplice personificação na Poesia de Cícero Christófaro, foi se tornando irresistível a alegoria da Esfinge, com seu enigma que pode custar a vida de quem não souber decifrá-lo: “Qual é a criatura que pela manhã anda com quatro pernas, ao meio-dia com duas e à tarde com três?”

Édipo sagra-se herói ao responder “o homem”, percebendo na pergunta da Esfinge uma metáfora para o ciclo da vida humana: engatinhando na infância, caminhando com seus próprios pés na vida adulta e precisando de uma bengala na velhice. E, tal como a Poesia de Cícero, essa bela história comporta muitos níveis de significação, ao gosto do leitor. Eu, por mim, aposto que o Enigma de Cícero é solucionado no belo exemplo do homem que soube manter viva a sua criança interior e que, assim, consegue chegar à terceira idade com os olhos ainda brilhando pela perspectiva de novas e felizes descobertas. Aposto nesse exemplo, que tenho feito o possível para imitar.

Cícero Christófaro é um amigo querido que conheci através da “Cura Poética”, cujo segundo volume saiu em 2022. Por ocasião do lançamento da primeira antologia, em 2020, tive a oportunidade de ver o próprio Cícero se apresentando e declamando. E a “Cura Poética” acabou ganhando vida própria, como tinha de ser. O grupo inicial no WhatsApp, que foi criado unicamente para organizar o sarau de lançamento do livro, acabou se tornando um espaço abençoado de compartilhamento de Poesia e Amor, fazendo lindamente jus ao nome. E foi então que a igualmente querida Sonia Regina Villarinho teve a feliz ideia de propor que os poetas do grupo declamassem os poemas uns dos outros, o que gerou uma série de vídeos encantadores.

Outra lembrança muito feliz é o Sarau Pé de Poesia, que teve como convidados de honra Cícero e outro queridíssimo, Marcos Peixe. Creio ter sido nesse sarau a declamação de um poema de Cícero que muito me marcou. Não lembro qual a queridíssima irmã poeta que o leu, se foi Cristina Sobral, Dilu Machado ou Neuza de Brito Carneiro, mas o poema ficou marcado a ferro e fogo, ou melhor dizendo, a tiro de arcabuz:

*Rival
é aquele que
beijou, beija, beijará ou beijaria
minha
ex, atual ou futura amada*

*matá-lo-ei
com tiros de arcabuz
comerei seu fígado com cuscuz
vendo seus restos mortais serem devorados pelos
urubus
ao lado da minha
ex, atual ou futura amada*

VENDETA!

Simplesmente sensacional! Assim é a Poesia de Cícero Christófaros.

■ ■ ■



LIVE

Autoconhecimento

EM PROSA E VERSO



Apresentação:
@laircohim

TODA SEGUNDA-FEIRA
ÀS 20h30

Uma iniciativa da escritora e terapeuta Lair Cohim para compartilhar os assuntos do seu livro “Autoconhecimento - A Chave da Saúde”.

Você aprenderá sobre Malhação Cerebral e dará um mergulho na espiritualidade e na ciência.

www.laircohim.com.br



VERLIDELAS

VERLIDELAS